

Artur Eduardo Benevides na glória dos seus 70 anos

José Helder de Souza

Mesmo temendo não chegar a bom termo e pisar em terra firme, iço a traquete e a bujarrona de minha naveta para a singradura das pelágicas belezas da poesia de Artur Eduardo Benevides, o Príncipe dos Poetas Cearenses, naviarra da poesia brasileira, contidas nas páginas de seu último livro: *Elegia setenta e outros poemas de entardecer* (Editora ABC Fortaleza – Fortaleza–Ceará, 1996) – tudo entardece e o poeta sabe disto e nos diz que agora tudo pede urgência.

Elegia Setentã, está bem visto, acolhe com festejos justos os setenta e três anos de prolífica vida de Artur Eduardo Benevides, o atual presidente da centenária Academia Cearense de Letras, rico autor de catorze livros de poesia entre outros de prosa – contos e ensaios – desde que estreou, em 1944, com o festejado *Navio da Noite*, consagrando-se como poeta quando ainda estudante de Direito, em Fortaleza, daí em diante nunca mais esqueceu o tempo fugidio, a brevidade da vida e a fugacidade das coisas, seus temas recorrentes. Naquele ano, com o *Navio da Noite* nas mãos, juntou-se aos fundadores do Grupo Clã, a mais atuante e duradoura agremiação literária do Ceará. “Clã” é o título da revista publicada pela entidade e nela eram acolhidos trabalhos literários não só de seus congregados com também produções de jovens estreantes e de intelectuais de outros Estados. Artur Eduardo Benevides, ao longo dos anos, secretariou esta revista que, até fins da década de oitenta, publicou 29 números.

O Príncipe dos Poetas do Ceará nasceu em Pacatuba, julho de 1923, vive em Fortaleza desde a juventude e onde formou-se em direito, em 1947. Ao longo de sua vida literária e política, exerceu diversos cargos públicos e o magistério em colégios e

faculdades. Aposentou-se como professor Emérito de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

Sempre voltado para a fugacidade do tempo, publicou, depois de o *Navio da Noite*, *O Habitante da Tarde*, *Elegias de Outono e Canções de Muito Amor e Adeus*, *A Rosa do Tempo ou o Intérmino Partir* e *Inventário da Tarde*. Outros livros de poesia na lista de sua vasta bagagem literária: *A Valsa e a Fonte*, *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza*, *Canção da Rosa dos Ventos*, *O Viajante da Solidão*, *Viola de Andarilho*, *Arquitetura na Névoa*, *Oráculo de Delfos ou as Vinhas do Silêncio*, *Sonetos de Beira Mar* e *Elegias do Espaço Imaginário*.

Agora, no entardecer do ano de 1996, nos dá *Elegia Setentã* que traz, como num apêndice, poemas de Regine Limaverde, Linhares Filho, Ângela Gutierrez, Marly Vasconcelos, Fernanda Benevides, Giselda Medeiros, Soares Feitosa e Maria Orildes Sales Freitas, todos exaltando a celebridade de Artur Eduardo Benevides.

Regine Limaverde nos encanta dizendo ao poeta: "Tu és o tempo... Viveste o que muitos não viveram. Passeaste andarilho no poema". Linhares Filho vê em Benevides a "solidão de embarcadiço!" e acrescenta: "Enquanto, ao mar colhendo sal e encanto/tens um fulgor com que o meu verso atijo,/teu astro humano e lídimo decanto". Angela Gutierrez encontra "arabescos barrocos/que a tua pena grava,/Poeta,/a ferro e fogo,/nos corações". Marly Vasconcelos descobre que o oceano pertence a Artur Eduardo Benevides, poeta itinerante, cujo destino é navegar. Fernanda Benevides para quem o poeta homenageado é luz e que seu brilho jamais se extinguirá, compôs um poema com os títulos dos livros e com algumas metáforas de suas poesias. Igual trabalho fez Giselda Medeiros, sem perder a originalidade. Maria Orildes Sales Freitas, em prosa, debucha um retrato literário do viajante da solidão. Soares Feitosa, nome novo na poesia do Ceará, considera-o de longo curso e mar-oceano capitão e, finalmente recepciona-o no Jornal de Poesia e o dá para o mundo via Internet, a maravilha do computador.

No “Soneto dos Seten’anos” Artur Eduardo Benevides confessa jamais ter buscado as vinhas de Nabot – não teve muito: o pouco foi-lhe tudo e da poesia tendo a grã riqueza, escravo foi apenas da beleza... Com esta citação e a singularidade destes versos, creio ter chegado a termo, sem deixar de afirmar que o poeta setentão não esqueceu o amor, outro de seus temas, e verseja liricamente, alegre e jovial, para Constancinha, para que “a memória das valsas continue a iluminar, na solidão das tardes, a beleza das fontes e arrebatada” e eu arremato com estes versos de seu soneto Do Amor Final que são: “no fim da tarde, bailo a contradança/Das pavanais gentis de teu olhar ...”